



Artigo

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2025v27id5497>

## FENOMENOLOGIA, SUBJETIVIDADE E CULTURA: IMPLICAÇÕES PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Phenomenology, subjectivity and culture: implications for research in education

Fenomenología, subjetividad y cultura: implicaciones para la investigación en educación

Gidalti Guedes da Silva<sup>1</sup>, Gilvan Charles Cerqueira de Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Tem por objetivo refletir sobre a formação da subjetividade humana na tensão com as condições histórico-culturais desde uma perspectiva fenomenológica, buscando discernir as possíveis implicações deste exercício filosófico à pesquisa em educação. Para tanto, recorre às contribuições de Husserl, Heidegger e Adorno, dentre outros autores, e aborda o tema da construção do conhecimento desde a fenomenologia, reconhecendo o ato de conhecer como experiência eminentemente subjetiva. Em seguida, discerne o impacto dos condicionantes histórico-culturais na formação dos sujeitos, enquanto pesquisadores e atores sociais estudados. Por fim, em um terceiro momento, evidencia possíveis desdobramentos metodológicos para a pesquisa em educação.

**Palavras-chave:** fenomenologia; formação do sujeito; pesquisa em educação.

<sup>1</sup> Universidade Católica de Brasília (UCB) | Brasília | DF | Brasil. E-mail: [gidalti.gs@gmail.com](mailto:gidalti.gs@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9051-4720>

<sup>2</sup> Universidade Católica de Brasília (UCB) | Brasília | DF | Brasil. E-mail: [gcca99@gmail.com](mailto:gcca99@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4238-0139>

**Abstract:** It aims to reflect on the formation of human subjectivity in tension with historical-cultural conditions, from a phenomenological perspective, to then discern the possible implications of this philosophical exercise, of an epistemological and ontological nature, for research in education. To this end, based on the contribution of Edmund Husserl, Heidegger and Adorno, it addresses the theme of the construction of knowledge from phenomenology, recognizing the act of knowing as an eminently subjective experience. It then discerns the impact of historical-cultural constraints on the formation of subjects, as researchers and social actors studied. Finally, in a third moment, it highlights possible methodological developments for research in education.

**Keywords:** phenomenology; subject formation; research in education.

**Resumen:** Pretende reflexionar sobre la formación de la subjetividad humana en tensión con las condiciones histórico-culturales desde una perspectiva fenomenológica, buscando discernir las posibles implicaciones de este ejercicio filosófico para la investigación en educación. Para ello, utiliza los aportes de Husserl, Heidegger y Adorno, entre otros autores, y aborda el tema de la construcción del conocimiento desde la fenomenología, reconociendo el acto de conocer como una experiencia eminentemente subjetiva. Luego discierne el impacto de las limitaciones histórico-culturales en la formación de los sujetos, tal como los estudiaron investigadores y actores sociales. Finalmente, en un tercer momento, se destacan posibles desarrollos metodológicos para la investigación en educación.

**Palabras clave:** fenomenología; formación del sujeto; investigación en educación.

## 1 INTRODUÇÃO

Fenomenologia e educação são dois campos de estudo que podem se relacionar. De um lado há a proposta metodológica iniciada por Edmund Husserl (1859-1938), que preconiza a busca pela essência dos entes, por meio da redução fenomenológica, ou *epoché*. Discípulos e correntes expandiram, aperfeiçoaram e encontraram pontos de questionamentos nas propostas husserianas ao longo do século XX – dentre eles, Martin Heidegger e Theodor Adorno, dos quais colheremos contribuições para a presente reflexão.

No que tange à educação, há uma miríade de temas que podem ser utilizados como referência para seus estudos, contemplando desde a formação de professores até as estratégias de avaliação, de políticas públicas educacionais aos processos de escolarização para diferentes contextos e realidades. Em especial, as pesquisas qualitativas no campo da educação se encontram profundamente impactadas, direta ou indiretamente, pelo pensamento fenomenológico.

No entanto, quando consideramos este encontro entre educação e fenomenologia, há, de imediato, um desafio: como estabelecer, a um só tempo, a busca pelo ser com o papel que a educação possui na formação do sujeito, seu inacabamento enquanto existência? Esta é uma questão que permeia estudos elaborados por autores como Bicudo (2020), Kahlmeyer-Mertens (2013) e Pombo (1995), e que compõem as reflexões e contribuições apresentadas neste artigo, que tem por objetivo refletir sobre a formação da subjetividade humana na tensão com as condições histórico-culturais desde uma perspectiva fenomenológica, para então discernir as possíveis implicações deste exercício filosófico-epistemológico à pesquisa em educação.

O primeiro tópico aborda o tema da construção do conhecimento em perspectiva fenomenológica, isto é, considerando o ato de conhecer como experiência eminentemente subjetiva. Em seguida, no segundo tópico, consideramos os possíveis impactos dos condicionantes histórico-culturais na formação dos sujeitos, isto é, as crenças que estruturam a subjetividade daquele que se põe a conhecer. Por fim, em um terceiro momento, procuramos elencar possíveis desdobramentos metodológicos para a pesquisa em educação.

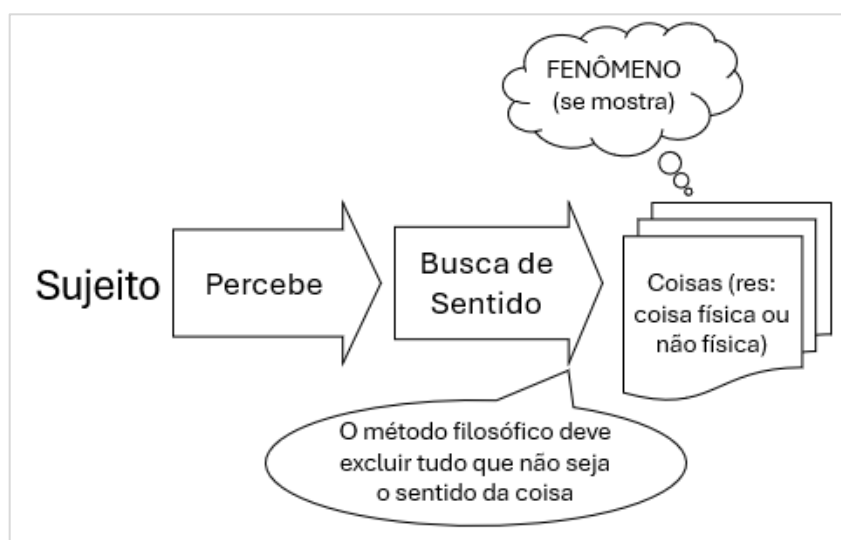
## 2 FENOMENOLOGIA E SUBJETIVIDADE

No final do século XIX, o conhecimento empírico era dado como suficiente para apreensão das coisas como são, como se por meio do processo intuitivo, a pessoa pudesse apreender o que está fora dela mesma como absoluta realidade objetiva. Contudo, uma corrente de pensadores alemães dos séculos XIX e XX se caracterizou por um retorno ao pensamento de Kant: a experiência que um ser humano tem é apenas conhecimento de fenômenos, não de coisas em si (Goto, 2014; Rovighi, 1999).

Dentre esses pensadores, encontra-se Edmund Husserl, responsável pela elaboração do método fenomenológico, que propunha um retorno a reflexões da filosofia

compreendidas no âmbito da ontologia: *ὄν* e *ὄντος* [ontos – aquilo que é], e *λόγος* [logos]; estudo do Ser em si, do ser dos entes (coisas), estudo das propriedades (predicados) do ser das coisas e da existência (o ente humano) e saber/conhecimento ou razão e sua relação com o Ser.

Figura 1 - Método Fenomenológico



Fonte: Ales Bello (2006, p. 26).

A partir dessas premissas, Husserl retoma a discussão sobre a questão gnosiológica, quando estabelece a distinção entre a consciência intuitiva e as coisas por ela apropriadas, que lhe são exteriores. Para Husserl (1989, p. 46), a fenomenologia

[...] designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a **atitude intelectual** especificamente **filosófica**, o **método** especificamente filosófico (grifos do autor).

Husserl desenvolveu uma teoria do conhecimento que concilia a reflexão filosófica com métodos e instrumentos de verificação empírica, evitando se aproximar do objeto de estudo a partir de uma percepção fragmentada e reducionista. O autor reforça que suas contribuições vão ao encontro de uma nova guinada ao que, até então, era compreendido na relação entre o empírico a ideia: "A essência (*eidos*) é uma nova espécie de objeto. Assim como o que é dado na intuição individual ou empírica é um objeto individual, assim também o que é dado na intuição de essência é uma essência pura" (Husserl, 2008, p. 36).

A essência, o *eidos*, pedra fundamental do método fenomenológico, na aplicação da *epoché* em seus passos e objetivos, vai ao encontro das teorizações de Husserl sobre a fenomenicidade, ou seja, o mostrar-se das coisas ao vivido, que a partir delas estabelece o elo entre o experienciado e o refletido dessas coisas em suas essências:

Essência" designou, *antes de mais nada*, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o *que* ele é. Mas cada um desses "o quê" ele é, pode ser "posto em ideia". A intuição empírica ou individual pode ser convertida em *visão de essência (ideação)* – possibilidade que também não deve ser entendida como possibilidade empírica, mas como possibilidade de essência. O apreendido intuitivamente é então a essência *pura* correspondente ou *eidos*, seja este a categoria suprema, seja uma particularização dela, daí descendo até a plena concreção (Husserl, 2008, p. 35-36).

Caminhando em sentido aproximado, Heidegger afirma:

A expressão "fenomenologia" significa, antes de tudo, um *conceito de método*. Não caracteriza a quididade real dos objetos da investigação filosófica, o quê dos objetos, mas o seu modo, o *como* dos objetos. [...] A palavra "fenomenologia" exprime uma máxima que se pode formular na expressão: "para as coisas elas mesmas!" – por oposição às construções soltas no ar, às descobertas acidentais, à admissão de conceitos só aparentemente verificados, por oposição às pseudoquestões que se apresentam, muitas vezes, como "problemas", ao longo de muitas gerações (Heidegger, 2006, p. 66).

Ao questionar os fundamentos do conhecimento humano, a fenomenologia reaproximou filosofia e ciência, trazendo uma contribuição metodológica que tem sido apropriada por diversas áreas do saber. Segundo Josgrilberg (2000, p. 79),

A experiência da consciência é experiência de algo que não é consciência. O conteúdo inteligente é do objeto e não da consciência. A consciência só vai às coisas mesmas e nisto ela doa sentido e estabelece seu campo próprio de visar os objetos. A inteligibilidade fundamental (essencial e *a priori*) não está em ater-se à consciência nem em ater-se aos fatos, mas em ater-se às próprias coisas. [...]. A explicitação na consciência dessa experiência obedece a princípios que regem as relações de essência e não de fatos. Essas relações de essência são correlações diretamente dadas, intuitivamente percebidas. Por uma série de atos intencionais, o objeto essencial se constitui.

O conhecimento do objeto não se dá na simples observação de algo que se pretende conhecer (materialismo), tampouco se dá exclusivamente na consciência (idealismo), pois ocorre na relação sujeito-objeto. Não se trata de negar a concreção das coisas ou da própria história, mas de saber que ao intencionar o objeto, o sujeito o faz a partir de uma estrutura eidética *a priori*, por meio da qual a coisa exterior ao sujeito se dá na consciência, tornando-se objeto, ou fenômeno. É sobre este fenômeno que se intenciona a reflexão crítica, na busca das *essências*, isto é, das estruturas de significado presentes no ser, ou mesmo das lógicas próprias que permeiam os fenômenos sociais.

A fenomenologia é a ciência das significações, pois é o ato de significar que faz com que um objeto seja ele mesmo. Ribeiro Júnior (1991, p. 40) enfatiza que "a significação não está no objeto. Este, simplesmente, chama a atenção para a significação. A



significação é preenchida pela imaginação [...], pela percepção sensível [...] e categorial". Entra em cena a subjetividade do sujeito-pesquisador que, ao significar intuitivamente o objeto, antes mesmo de qualquer reflexão sobre o mesmo, o faz tendo como recurso seu universo semântico.

Em complemento às colocações de Ribeiro Júnior (1991) temos as considerações de Castro e Gomes (2011), sobre como houve avanços, ou melhor, aprofundamentos das proposições de Husserl em relação à redução fenomenológica, que podem ser aplicadas a diferentes cenários e contextos.

Entretanto, deve-se cuidar para não reduzir o conhecimento à percepção, negando-se a existência das coisas *em si*. "[...] Reduzir o objeto a seu sentido ou significação é dissolver o real no moral e transformar as verdades científicas em verdades morais" (Maheirie, 1994, p. 131). O objeto *em si* existe de modo independente do sujeito. Porém, ao ser intencionado, o objeto torna-se *para si*. Isto é, todo objeto é intencionado em perspectiva. A coisa, ao ser observada por sujeitos distintos, torna-se objetos distintos nas consciências, de acordo com as distintas estruturas eidéticas dos sujeitos.

Trata-se de uma ciência do conhecimento humano que não reconhece o dado empírico como o real, mas questiona o processo no qual o sujeito, ao se voltar para o *ente* (o *que* ou *quem* intencionado), por meio de um ato da consciência, concebe intuitivamente o objeto. Tal concepção se dá a partir de um universo de significados que constituem o sujeito enquanto fenômeno. Revela-se aí a subjetividade como dado a priori do processo de conhecer.

Contrariamente às tendências positivistas da época, Husserl não vai buscar esse saber fundamentador em uma ciência particular (a psicologia científica) nem tão pouco se reduz a uma reflexão sobre a enciclopédia das ciências e seus métodos. Procura antes alcançar um terreno anterior a qualquer construção científica, onde se dará razão do objeto e da validade de cada um dos saberes particulares. A Fenomenologia surge então como uma sondagem prévia da conexão entre o ser e o saber (Ribeiro Júnior, 1991, p. 40).

Sendo assim, no desejo de um estudo de cunho científico, o sujeito deve colocar sob suspeita suas intuições e seus juízos imediatos sobre o objeto, uma vez que o próprio objeto se constitui como ato intencional da e na consciência. Para Maheirie, 1994, p. 128):

A relação que é estabelecida entre sujeito e objeto é dialética, de forma que, não só o objeto se transforma, mas o sujeito é transformado por esta relação. A relação do pesquisador com seu objeto nas Ciências Humanas é uma relação de reciprocidade, pois aquele é homem tanto quanto o seu objeto. Eles se encontram situados, um em relação ao outro, de maneira que o pesquisador se define pelo seu objeto, assim como, o objeto se define pelo pesquisador.

Esta complexidade toma ainda maiores proporções quando o que se pretende conhecer é o próprio ser humano, que, ao expressar-se, também o faz à luz de sua subjetividade (Castro, 2000). Devemos levar em conta a subjetividade de quem se pretende conhecer.

### 3 SUBJETIVIDADE E CONDICIONANTES HISTÓRICO-CULTURAIS

As considerações acerca da fenomenologia demonstram uma interação entre o sujeito e o objeto, sobretudo no caso das ciências humanas e sociais. De um lado, o sujeito, tido anteriormente como neutro-imparcial, agora deve ter seu ato de consciência questionado (toda ciência é ideológica). Do outro lado, o dado aparente (empírico), manifesto nas fontes documentais, na fala, nas ações e nos sentimentos do *ente* não se constitui como realidade, uma vez que o dado aparente revela atos intencionais da consciência. Portanto, o cerne da pesquisa deve ser a compreensão das essências que constituem o fenômeno.

Martin Heidegger aplicou-se ao estudo do *ser* numa perspectiva fenomenológica, propondo fundamentalmente uma conciliação entre essência e existência. Segundo Heidegger, "o conceito de *ser* é indefinível". Ele afirma a impossibilidade de se definir o *ser* na perspectiva idealista como algo anterior à existência, como conceito estático e acabado. Ele afirma a impossibilidade de uma definição metafísica ou meta-histórica do *ser*.

A presença sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma. Essas possibilidades a própria presença as escolheu, mergulhou nelas ou ali simplesmente cresceu. No modo de assumir-se ou perder-se, a existência só se decide a partir de cada presença em si mesma. A questão da existência só poderá ser esclarecida sempre pelo próprio existir [...] (Heidegger, 2006, p. 48).

É na existência que se constitui o *ser*, isto é, a própria subjetividade. É na sua presença intramundana que o *ser* se dá. Desta construção lógica emerge o conceito de *Dasein*, "ser-aí" (ser-no-mundo-com), que condiciona o conhecimento do *ser* ao conhecimento do mundo. Neste ponto, subjetividade e condicionantes histórico-culturais se revelam indissociáveis.

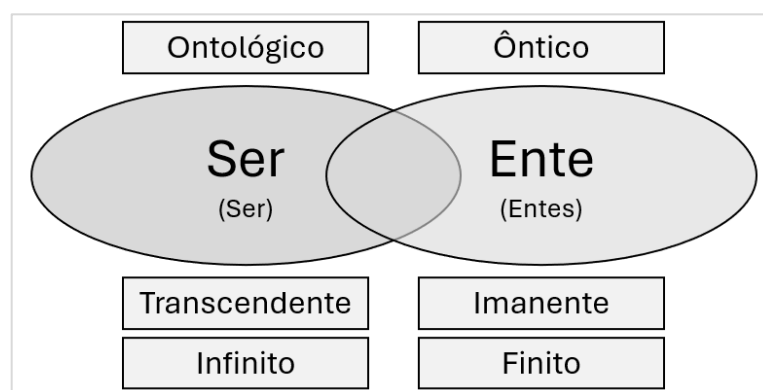
Para compreender e fundamentar o conhecimento, não partimos, por conseguinte, de um conceito absoluto, como é o caso do "eu penso", simples idéia intemporal, metafísica e de garantia unicamente subjetiva, relativa a um "eu" que não é ninguém, que não está em situação no espaço e no tempo, mas do fato histórico, social, objetivo de que "nós pensamos" (Pinto, 1979, p. 16).

A formação do *ser-docente* ocorre como fruto da sua relação com o outro, numa ininterrupta interação histórica e cultural, no espaço-tempo. Enquanto a primeira abordagem da fenomenologia (Husserl) evidencia a subjetividade e intersubjetividade, Heidegger atenta para a relação ontológica entre o *ser* e o mundo. Equivocadamente,

existem pesquisadores que se utilizam da fenomenologia desconsiderando as condicionantes existenciais, ignorando que a subjetividade se faz na relação com condicionantes exteriores ao sujeito<sup>3</sup>.

Na Figura 2, procuramos explicitar melhor a relação entre o Ser e o Ente.

Figura 2 - Relação entre o Ser e o Ente



Fonte: elaboração própria.

A diferenciação entre o Ser e o Ente é elucidativa, para que fique evidente como a subjetividade se constitui dialeticamente. A formação dos sujeitos só é possível na interseção entre as suas dimensões transcendente e imanente. Toda e qualquer tentativa de redução do Ser ao Ente historicamente condicionado incorrerá na objetificação dos sujeitos. De outro modo, a busca do Ser, desconsiderando seu caráter ôntico, sua contingencialidade, incorrerá igualmente em equívoco, uma vez que tomará sua essência de modo idealista.

A construção das subjetividades dos sujeitos estudados e daquele que os intenciona analiticamente não ocorre de modo desconexo, desarticulado do todo, nem mesmo a partir de "essências" anteriores à existência em sociedade. As subjetividades são constituídas de modo existencial, na constante dinâmica das múltiplas relações cotidianas que os sujeitos estabelecem uns com os outros e com a natureza. Portanto, na busca de elucidar o ser, deve-se compreender o mundo no qual está inserido.

Por outro lado, para se compreender o mundo, deve-se elucidar o *ser*, que age no mundo de modo intencional. A existência é o solo fértil onde está enraizada a intencionalidade da consciência. É também no existir, no ser-no-mundo-com, que as es-

<sup>3</sup> Em Heidegger, *Dasein* é o ser humano constituindo-se enquanto ser-no-mundo de modo integral. Daí o porquê da Fenomenologia fugir da conceituação reducionista do humano a partir do *cogito*. Quem faz desta forma limita o conceito de consciência e conhecimento a processos racionais (racionalismo). Porém, a racionalidade humana se estende para além do cognitivo, revelando-se em lógicas que subjazem o ser na sua integralidade. A presença do ser-no-mundo se dá de modo pleno, onde estão envolvidos todos os sentidos, sentimentos, desejos, estruturas de pensamento, percepções, representações de mundo, intenções e projetos.



truturas eidéticas e significações passam a constituir o *ser*, e se firmam como condicionantes hermenêuticos para a compreensão de si próprio, do outro e da realidade que o cerca.

A idéia de ser como constância do ser simplesmente dado motiva não apenas uma determinação extremada do ser dos entes intramundanos e de sua identificação com o mundo em geral, como também impede que se perceba, de maneira ontologicamente adequada, os comportamentos da presença. Com isso veda-se completamente o caminho para se ver o caráter fundado de toda percepção sensível e intelectual e para compreendê-las como possibilidade de ser-no-mundo (Heidegger, 2006, p. 150).

O *Dasein* é composto de duas partes etimológicas distintas, *da* e *sein*, que significam em alemão o *aí* e o *ser*, seguindo-se as definições e indicações de Heidegger (2006, 2008, 2009). Para que consigamos compreender melhor o sentido do *Dasein* é preciso que voltemos ao conteúdo da Figura 1, e no ponto em que se encontra a diferença ontológica é que iremos encontrar o *Dasein* tal qual o define o filósofo alemão:

O ser-aí humano – um ente disposto em meio ao ente, comportando-se em relação ao ente – existe de mais a mais de tal maneira, que o ente sempre se acha manifesto na totalidade. A totalidade não precisa ser propriamente concebida aí, seu “pertencimento” ao ser-aí pode estar velado, a amplitude deste todo é mutável. A totalidade é compreendida, sem que o todo do ente manifesto também tenha sido captado expressamente ou mesmo “exaustivamente” investigado em suas conexões específicas, regiões e estratos. A compreensão dessa totalidade, que é sempre antecipadora e abarcadora, é, porém, ultrapassagem em direção ao mundo (Heidegger, 2009, p. 169).

O *Dasein* como o ser-aí significa o ser situado no mundo, como potência de o ser a partir da intencionalidade da consciência, corpo, percepção, emoção e imaginação do ser humano. *Dasein* é confluência e abertura do Ser ao ser dos entes, da imanência do plano ôntico ao seu substrato ontológico e, de forma equivalente tanto o (in) finito como à fronteira entre o imanente e transcendente da existência e o existente.

Destaca-se também como o *Dasein* e a diferença ontológica é o ponto em que se encontram as questões fundamentais da metafísica. Aqui importa ressaltar e situar o conceito de *Dasain* com pertencente ao campo dos estudos da ontologia. Segundo Aristóteles (2012, p. 105):

Há uma ciência que investiga o ser como ser e as propriedades que lhe são inerentes devido à sua própria natureza. Essa ciência não é nenhuma das chamadas ciências particulares, pois nenhuma delas se ocupa do ser geralmente como ser. Elas seccionam alguma porção do ser e investigam os atributos desta porção, como fazem, por exemplo, as ciências matemáticas. Mas visto que buscamos os princípios e as causas supremas, está claro que devem pertencer a algo em função de sua própria natureza. Por conseguinte, se esses princípios foram investigados por aqueles que também investigaram os elementos das coisas que existem, os elementos têm quer ser elementos do ser não acidentalmente, mas em relação ao ser como ser. Portanto, é do ser como ser que nós também temos que apreender as primeiras causas.

Espaço, tempo, experiência e ocasião, circunstância e contingência, permanência e efemeridade, percepção e intencionalidade, consciência e imaginação, em todas estas dimensões o *Dasein* irá se incorporar como a abertura do próprio Ser, pois o sentido do *Dasein* é sua condição única de ente, cujo ser é apreender o ser dos demais entes, do mundo e do outro, assim como de si próprio, nos planos ôntico e ontológico:

A presença não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, ela se distingue onticamente pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser. Mas também pertence a essa constituição de ser da presença a característica de, em seu ser, isto é, sendo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser. Isso significa, explicitamente e de alguma maneira, que a presença se compreende em seu ser, isto é, sendo. É próprio desde ente que seu ser lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo. A compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser da presença. O privilégio ôntico que distingue a presença está em ela ser ontológica (Heidegger, 2008, p. 49).

É em seu contexto vivencial que o ser vem à existência, tendo em si mesmo as características do mundo. Mas, também, é na relação cotidiana com tais condicionantes que o ser é chamado à responsabilidade de decidir, der *ser-com* no mundo. O *ser* é aquele que, na consciência de si próprio, colocar-se diante da possibilidade de, no ato de existir, decidir, escolher. Em estar aberto ao novo reside a liberdade do ser. "Por tudo isso, o ser humano não é uma essência dada de uma vez por todas, mas é uma existência que se constrói e que se conquista cada dia ao longo da História" (Pegoraro, 2000, p. 36). O ser é sempre uma possibilidade, algo a vir-a-ser, sendo, nunca acabado, que busca, mesmo que de forma efêmera, sua autenticidade, como defendido por As-trada (1949, o. 17):

El círculo es la dinámica misma de la existencia del Dasein, impelida por la comprensión del ser, ínsita en él; vale decir que el círculo es toda la estructura existencial, sin que quepa hablar de algo extra-circular o intra-circular, como lo haríamos tratándose de cosas. El círculo apunta en una dimensión ontológica fundamental; de él emerge la interrogación esencial por la verdad del ser.

Esta forma de compreensão da existência, das relações sociais e da própria história conduz o pesquisador a compreender a dialogicidade entre subjetividade e cultura. Os condicionantes existenciais (histórico-culturais) constituem o *sujeito* que, na tomada de consciência de si próprio (e do mundo que o cerca), se vê impelido a refletir, teorizar, decidir e agir, de modo a confirmar a realidade que o cerca, ou a suscitar o novo. Ao passo que se rejeita a visão idealista de mundo, evita-se a visão positiva de conhecimento, bem como o determinismo absoluto dos condicionantes materiais sobre o sujeito.

Caminhando neste sentido, além do próprio Heidegger, Adorno (2008, 2010, 2015) acolheu criticamente o método fenomenológico, especialmente quando refletiu sobre a formação da (inter)subjetividade humana, sempre em perspectiva dialética. Ele

aborda aspectos da epistemologia de Husserl tensionando com postulados de Hegel, articulando estes saberes com a própria ontologia, quando releva as contribuições do existencialismo e do Materialismo Histórico-Dialético. Adorno (2012) oferece coerência lógica a esta crítica quando assume a estética como um fio condutor transversal, uma vez que o termo estética é tomado para além dos estudos sobre o belo ou a forma, mas está ligado ao contexto histórico contemporâneo, no qual a estética designa “[...] as mais diferentes formas pelas quais a sensibilidade, o sensível atuam sobre o indivíduo, tornando-se um objeto de destaque e consideração nas mais diversas esferas da vida prática do ser humano” (Agostini; Fávero; Rigoni, 2024, p. 10).

Nesse momento, importa recorrer às considerações de Adorno e Horkheimer, para os quais o esclarecimento (Iluminismo) teve como meta dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. Para os autores,

[...]. No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade. A causa foi apenas o último conceito filosófico que serviu de padrão para crítica científica, porque ela era, por assim dizer, dentre todas as idéias antigas, o único conceito que a ela ainda se apresentava, derradeira secularização do princípio criador (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 18-19).

Na compreensão dialógica entre sujeito (subjetividade) e objeto (cultura), deve-se superar a racionalidade iluminista, que na busca de substituir a visão de mundo teológica-metafísica, acabou por reproduzir na positividade materialista os arquétipos do mito das origens, na busca de uma certeza que lhe permita reduzir a complexidade dos fenômenos ao conceito, a história ao fato, as coisas à matéria. Esta predominante tendência dos estudos científicos acaba por refletir o caráter do projeto da modernidade, em todas as suas variantes políticas e econômicas.

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 21).

No intuito totalitário de dominar conceitualmente o objeto, a complexidade humana é reduzida à materialidade-cognitiva, evidenciando não somente uma forma de analisar os fenômenos, mas o intento de controle das subjetividades, de conformação dos sujeitos aos mecanismos que visam à coesão. A despeito de uma pretensa neutralidade, desde sua intencionalidade, a ideologia subjaz o método, buscando conferir legitimidade aos processos de massificação cultural e agenciamento das camadas e nuances identitárias do sujeito.

Cabe ainda ressaltar a crítica de Adorno, para quem a melhor compreensão do conceito de *Dasein*, apresentado na filosofia de Kierkegaard, difere em nuances do conceito apresentado por Heidegger:

Em Kierkegaard, ser-aí não quer ser compreendido como um modo de ser, nem mesmo um modo “aberto” [“*erschlossen*”] a si mesmo. O que lhe interessa não é uma “ontologia fundamental” que tem de “ser procurada na analítica existencial do *Dasein*”. Para ele, a pergunta pelo “sentido” do ser-aí não é sobre o que seja ser-aí propriamente. Antes, porém, é essa: o que é que daria um sentido à existência [*Dasein*], por si mesma privada de sentido. Não é o ser do ente – as idéias é que são o objeto de sua filosofia, tal como elas surgem no movimento da existência, sem aí permanecerem. Com o “sentido”, o ser-aí não se interpreta a si mesmo: separa-se do sem-sentido, da contingência (Adorno, 2010, p. 158).

Tanto Adorno quando Heidegger receberam influência da filosofia existencialista de Kierkegaard e da fenomenologia de Husserl; contudo, Heidegger apresenta maior vinculação do *Dasein* com os condicionantes da existência. Adorno (2002) apresenta dura crítica aos mecanismos ideológicos da Indústria Cultural e reconhece o impacto das condicionantes da cultura de massa sobre os sujeitos. Especificamente, a crítica de Adorno reside sobre a Semiformação (*Halbbildung*) cultural, denunciando uma crise e degeneração da formação, “[...] ou seja, significa que a formação foi empobrecida e subordinada aos mecanismos da razão instrumental: cálculo, reificação e dominação” (Manfré, 2020, p. 21). Ainda assim, diante de fortes condicionantes socializadores, o frankfurtiano procura reafirmar a possibilidade de liberdade do ser diante dos condicionantes históricos e culturais.

Para Adorno, tal liberdade perpassa uma experiência no campo da percepção, da estética, por meio da qual o sujeito pode desenvolver uma consciência autônoma, criativa e propositiva de um novo estado de coisas. Ao assumir uma compreensão dialética dos fenômenos sociais, caberá ao pesquisador em educação reconhecer a parte e o todo, o indivíduo e a coletividade, a subjetividade e os condicionantes histórico-culturais como dualidades, antagonismos complementares. Rompe-se também com a compreensão estática de causa-efeito. Perde-se a visão determinista da história, o que permite a compreensão da complexidade dos fenômenos socioculturais no capitalismo tardio.

#### 4 POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Há uma diversidade de cenários, estudos e contextos nos quais a ontologia fenomenológica pode ser vislumbrada como teoria e método e relação entre empiria e experiência (Araújo; Suzuki, 2020). A intencionalidade desta experiência é o que defendem Castro e Gomes (2011) em sua perspectiva para uma fenomenologia assumida pelo pesquisador, que pode ser aplicada ao âmbito da educação:

Ainda que não totalmente explicitados os critérios lógicos que regem a operação da redução eidética e, sobretudo, a variação imaginativa livre, as pesquisas norte-americanas parecem reconhecer a importância de se incluir uma explicação sobre essa orientação de pesquisa. Um exemplo dessa clareza é o



modelo adotado por Sages e Szybek (2000), em que a redução é definida como busca por intencionalidades em um relato experiencial. Ao contrário da proposta de Giorgi (1985), na qual um relato é separado em unidades de sentido definidas pelo pesquisador, os autores tentam diminuir as interferências interpretativas na tematização, realizando duas modalidades de análise: 1) modalidade de função (perceptivo, significativo, imaginativo); e 2) modalidades dóxicas (certeza, dúvida, possibilidade). A síntese dessas análises revelaria as intencionalidades de um depoimento experiencial. Através desses critérios, o trabalho de organização compreensiva do texto obteria uma sistematização analítica mais descritiva e menos hermenêutica (Castro; Gomes, 2011, p. 159).

Esta intencionalidade pode ser encontrada, por exemplo, na aproximação entre a ontologia fenomenológica, compreendida como a busca pelo sentido do ser pela própria existência, aplicada a estudos educacionais. Tal como referenciado anteriormente nas contribuições de Adorno em diálogo com as concepções ontológicas da fenomenologia, há um desafio pelo (re)encontro do autêntico na existência, defendido, de igual modo, em reflexões ontológicas:

[...] en la base de esta interpretación ontológica de la existencia Dasein está una determinada concepción óntica de la existencia auténtica, "un ideal fáctico del Dasein", hecho que no cabe negar o confesarlo forzosamente, sino que hay concebirlo "en su positiva necesidad a partir del objeto temático de la investigación" (Astrada, 1949, p. 15).

O ser humano, o ente diferencial e diferenciado, concebido como *Dasein*, abre-se, como clareira, tanto como questionador quanto como portador de possíveis respostas ao próprio ser. A dádiva onto-ontológica deste ente único é que o torna tão complexo, tal como defendido por Borhheim (1972, p. 10):

[...] o homem é o único ente que diz o ser; que ele o diz, é incontestável. O que pode ser contestado e discutido, é o significado de tal dizer, porque na elucidação desse dizer o ser começa a ontologia. Mas essa elucidação só se verifica porque há efetivamente uma compreensão prévia do ser; isso pertence de modo essencial à dimensão do humano, e é o que o distingue de todos os outros entes: o homem pode apreender o ente na sua condição mesma de ente. Não há nada no comportamento humano, sequer o mínimo gesto ou a mais particular das experiências, que se possa furtar a esse enraizamento num sentido fundamental; todo comportamento humano é ontológico.

Ao direcionarmos as premissas do autor para âmbito educacional, especialmente no que tange ao sentido de ser do professor, encontramos, por exemplo, contribuições como a de Pimenta (1998), que explana como o processo de construção deste sentido vai ao encontro do debate identitário destes profissionais, perpassando diferentes variáveis que vão de sua subjetividade, concepções de ensino e aprendizagem aos contextos nos quais estão inseridos:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque estão preñes de saberes válidos às necessidades. da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor (Pimenta, 1998, p. 7).

No mesmo sentido da defesa da experiência como fator transversal para o questionamento e reflexão ontológicas sobre educação, Marcelo (2009) propõe uma tríade experiencial que pode ser aplicada para o debate identitário na educação. Observa, também, como fatores socioeconômicos, culturais, individuais e coletivos fazem parte deste processo:

- Experiências pessoais: Incluem aspectos da vida que determinam uma visão do mundo, crenças em torno de si mesmo e em relação aos demais, ideias acerca das relações entre a escola e a sociedade, assim como sobre a família e a cultura. A procedência socioeconômica, étnica, o sexo, a religião, podem afetar as crenças acerca do aprender a ensinar.
- Experiências com o conhecimento formal: O conhecimento formal, entendido como aquele sobre o qual se deve trabalhar na escola. As crenças acerca da matéria que se ensina assim como a forma de ensiná-la.
- Experiência escolar e de aula: Inclui todas aquelas experiências como estudante, que contribuem para formar uma ideia acerca do que é ensinar e qual é o trabalho do professor (Marcelo, 2009, p. 117).

Ao encontro de contribuições clássicas referentes à ontologia fenomenológica, abrangendo desde a *epoché* husserliana até o ser-aí de Heidegger, Bicudo (2020) defende que é possível (re)encontrar o papel central do sujeito, situado em sua identidade e inacabamento, inserido na complexidade de sua atuação profissional na educação:

O núcleo identitário é apenas princípio. Não é a vontade. No processo de formação, cuidamos da atualização da potência de ser da pessoa, cuja estrutura é dada na carnalidade do corpo-próprio e que vale para todos, podendo ser trabalhadas mediante atividades apropriadas. Estas estão no foco das atividades educacionais e são realizadas no solo do mundo-vida em que se está com o outro. Entretanto, cada pessoa é uma totalidade, enquanto ser singular. Essa é a visão de educação que assumo e que, conforme entendo, está coerente com a filosofia fenomenológica. Permite: situar-me e ao educando, bem como o que é trabalhado (a disciplina que disponibiliza conteúdos a serem trabalhados) no aqui e agora, no mundo-vida, sendo com os outros; trabalhar o

conhecimento nas dimensões da constituição e da produção, abrindo horizonte para possibilidades de trabalhar atividades que incidem nas sensações e na percepção do aluno, naquelas que se dedicam aos modos de expressar e de ficar atento ao entendimento do outro, ouvindo-o em suas manifestações e, ao mesmo tempo, respeitando-o como igual e como diferente e, da mesma forma, trabalhar com atividades que visam ao conhecimento já produzido e que são apresentados em textos escritos, pintura, música, imagens, dramas encenados, cultos religiosos, discursos políticos, propagandas, etc.; trabalhar a ética que se estabelece nos modos de estar com o outro; trazer à cena questões da vida e dos seus sentidos (Bicudo, 2020, p. 51).

O que a autora defende em seu extrato se relaciona diretamente com a defesa efetuada por Saviani e Duarte (2010) sobre a abertura ontológica, de forma crítica e contextualizada, para os diferentes temas estudados e experienciados na educação. Em suas próprias palavras, os autores nos dizem: “Por esse caminho a pedagogia ganha condições de assumir a perspectiva ontológica, apreendendo a educação, isto é, o processo de formação humana, como o contínuo movimento de apropriação das objetivações humanas produzidas ao longo da história” (Saviani; Duarte, 2010, p. 432).

Por fim, a concretude do contexto material e suas contradições também são ressaltadas pelos autores como um acréscimo necessário nesta ponte entre educação, ontologia fenomenológica e identidade profissional docente: “Eis como a filosofia estará concorrendo, na educação, para, a partir das relações alienadas, abolir os entraves que a forma social capitalista vem impondo ao desenvolvimento plenamente livre e universal do ser humano e de sua formação” (Saviani; Duarte, 2010, p. 432).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos grandes avanços das abordagens qualitativas no campo da educação, impera ainda uma índole positivista em tantos cursos, programas e linhas de pesquisa. Ao que parece, buscando maior legitimidade da comunidade acadêmica, prevalece em muitos espaços acadêmicos a dificuldade em reconhecer o lugar do elemento subjetivo e estético, como se o número, a estatística e o dado aparente fossem capazes de burlar a intencionalidade do sujeito pesquisador e dos atores sociais estudados, produzindo um conhecimento objetivo, à revelia dos processos gnosiológicos e existenciais.

Considerando os possíveis desdobramentos lógicos das reflexões realizadas até o momento, esta é uma primeira implicação metodológica para a pesquisa em educação: o elemento subjetivo e a intencionalidade dos sujeitos pesquisadores e pesquisados não podem ser deixados em segundo plano. Isso torna ainda mais premente o aprofundamento dos estudos e a democratização dos saberes relacionados ao pensamento fenomenológico, uma vez que, enquanto método, ele oferece subsídios epistemológicos para pesquisadores da educação, enriquecendo seu cabedal teórico-interpretativo dos fenômenos, a despeito dos instrumentos de coleta de dados utilizados.

Outra implicação pertinente aos estudos aqui apresentados se relaciona ao modo próprio de intencionar os sujeitos e os fenômenos sociais. Aqui, a dialética entre sujeito e o mundo no qual está inserido merece destaque, o que implica o reconhecimento do impacto das condições histórico-culturais sobre a formação dos atores sociais, mas, também, faz suscitar um olhar que busca, ainda como exceção aos processos de massificação (semiformação), compreender de que modo os sujeitos se colocam no mundo de modo criativo, sob o desejo de uma transcendência ontológica.

Nesse sentido, as implicações da fenomenologia para a pesquisa em educação vão além do reconhecimento da subjetividade, uma vez que a subjetividade dos sujeitos pesquisadores e dos estudados deve ser considerada em seu caráter dialético, na tensão permanente dos sujeitos com as condições socioculturais nas quais estão inseridos. As abordagens e os instrumentos de pesquisa, portanto, necessitam considerar os dois polos da relação sujeito-sociedade, em um processo permanente de interação.

Reconhecer este paradoxo entre os sujeitos e as condições de sua existência é condição sem a qual as pesquisas em educação estarão fadadas a evidenciar as demandas meramente adaptativas das instituições educacionais, dos currículos escolares, dos profissionais da educação, dos métodos de ensino-aprendizagem. Toda a crença na possibilidade de haver mudanças singulares ou mais significativas na educação depende de assumirmos o caráter ontologicamente aberto inerente aos processos educativos.

Portanto, para além de um saber circunscrito aos ambientes filosóficos, o método fenomenológico se faz necessário aos mais variados atores sociais que impactam direta e indiretamente na educação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, T. **Introdução à sociologia**. São Paulo: UNESP, 2008.

ADORNO, T. **Kierkegaard: construção do estético**. São Paulo: UNESP, 2010.

ADORNO, T. **Para a metacrítica da teoria do conhecimento**. São Paulo: UNESP, 2015.

ADORNO, T. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 2012.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGOSTINI, C. C.; FÁVERO, A. A.; RIGONI, L. M. Imaginação narrativa e a formação estética: a formação e atuação docente no ensino superior. **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, v. 39, n. 121, p. 1-22, 2024. DOI 10.21527/2179-1309.2024.121.14670. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/14670>. Acesso em: 25 maio 2024.



ALES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

ARAÚJO, G. C. C.; SUZUKI, J. C. Fenomenologias do Sul. *In*: LATINIDADES - FÓRUM LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS FRONTEIRIÇOS, 2020, Foz do Iguaçu. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: CLAEAC, 2020. Disponível em: <https://claec.org/2020/08/19/vem-ai-o-latinidades/>. Acesso em: 20 maio 2024.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.

ASTRADA, C. **Ser, humanismo, "existencialismo" (una aproximación a Heidegger)**. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 1949.

BICUDO, M. A. V. Pesquisa fenomenológica em educação: possibilidades e desafios. **Revista Paradigma**, São Paulo, v. 41, p. 30-56, 2020. Disponível em: <https://revistapara-digma.com.br/index.php/paradigma/article/view/928>. Acesso em: 26 maio 2024.

BORNHEIM, G. **Metafísica e finitude**. Porto Alegre: Movimento, 1972.

CASTRO, D. S. P. de. A articulação do método fenomenológico com as ciências humanas: a proposta do Fenpec-Umesp. *In*: CASTRO, D. *et al.* (org.). **Fenomenologia e análise do existir**. São Bernardo do Campo: UESP/SOBRAPHE, 2000. p. 41-64.

CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 153-161, jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HY5BkwhGFWzzkxjVdYQQ9Fd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de out. 2023.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, M. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1989.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

JOSGRILBERG, R. de S. O método fenomenológico e as ciências humanas. *In*: CASTRO, D. *et al.* (org.). **Fenomenologia e análise do existir**. São Bernardo do Campo: UESP/SOBRAPHE, 2000. p. 75-93.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. **Heidegger e a educação**. São Paulo: Autêntica, 2013.

MAHEIRIE, K. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

MANFRÉ, A. H. Base nacional comum curricular e (semi) formação: quais os dilemas da escola atual? **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, v. 35, n. 111, p. 9–28, 2020. DOI 10.21527/2179-1309.2020.111.9-28. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/9373>. Acesso em: 25 maio 2024.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/8>. Acesso em: 15 out. 2022.

PEGORARO, O. A. Ética e sentido da existência. In: CASTRO, D. *et al.* (org.). **Fenomenologia e análise do existir**. São Bernardo do Campo: UMESP/SOBRAPHE, 2000. p. 33-40.

PIMENTA, S. G. **Orientação vocacional e decisão**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

PINTO, Á. V. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

POMBO, M. de F. T. **Fenomenologia e educação**: a sedução da experiência estética. 1995. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 1995.

RIBEIRO JÚNIOR, J. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancast, 1991.

ROVIGHI, S. V. **História da filosofia contemporânea**: do século XIX à neoescolástica. São Paulo: Loyola, 1999.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 422-433, 2010. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782010000300002](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300002) Acesso em: 15 out. 2022.

## Contribuições dos autores

Gidalti Guedes da Silva – Coautoria, com participação ativa na construção do texto, com ênfase na relação da fenomenologia com o pensamento de Theodor Adorno.

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo – Coautoria, com participação ativa na construção do texto, com ênfase na relação da fenomenologia com o pensamento de Martin Heidegger.

## **Declaração de conflito de interesse**

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo “Fenomenologia, subjetividade e cultura: implicações para a pesquisa em educação”.

## **Disponibilidade de Dados**

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão disponíveis no artigo.

## **Revisão gramatical por:**

Sandra Faria de Resende Nascimento

E-mail: [revisaoacad@gmail.com](mailto:revisaoacad@gmail.com)